

O FEMINISMO EM TIANALVA SILVA E AS DISTOPIAS REPRESENTADAS NO RECÔNCAVO BAIANO

Giuliana Conceição Almeida e Silva¹
Paulo César Souza García²

Resumo: O presente trabalho busca refletir a voz da periferia nas obras da escritora baiana *Tianava Silva*, cujos relatos narrativos se configuram entre a realidade e a ficção. O modo de apresentar as memórias do passado pode ser percebido no exercício de leitura literária, a exemplo de a cotidianidade da cultura do recôncavo baiano ser um dado revelador, e que pode ser recortada com a territorialidade dos sujeitos do local, da exposição de si em ambientes da cidade. Pretendo abordar dessa forma a maneira de a literatura de Tianalva Silva ressignifica os corpos das mulheres, que são considerados distópicos e como a cidade de Cachoeira é enredada por histórias, experiências e modos de vida das personagens femininas. Com as narrativas da autora *Entre o rio e a praça* (2018) e *Migrantes* (2019), o eixo da pesquisa será de cunho bibliográfico e através da compreensão em Bosi (2001), *Cândido* (2000), Chauí (2012), Dalcastagnè (2008), Jobim (1992); Richard (2002), Rosini (2014), Silva (2018) (2019). Quanto ao impacto em torno da crítica cultural, o discurso do

1. Doutoranda em Crítica Cultural pela UNEB, *Campus II*, Mestra em Letras pela UNEB, *Campus V*, Especialista em Metodologia da Educação Profissional pela UNEB, *Campus XV*, Especialista em Metodologia da Língua Portuguesa e da Língua Estrangeira pela UNINTER, Licenciada em Letras pela UNEB, *Campus V*. Professora da Educação Básica. giuli_almeida@yahoo.com.br.

2. Doutor em Literatura área de concentração: Teoria literária-Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2008. Realizou estágio Pós-doutoral no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade-Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 2016. Mestre em Teoria da Literatura-Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 1999. Licenciado em Letras Vernáculas-Universidade Católica do Salvador, em 1989. Professor Titular Pleno da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) atua no curso de licenciatura em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural do Departamento de Linguística, Literatura e Artes Dellartes-UNEB *Campus II*. pggarcia@uneb.br.

feminismo e do silenciamento estão atravessados nos espaços ficcionais e se disseminam no campo notável do real, quando visados por gestos de interiorização das gentes, dos registros orais e das subjetividades que se tornam presentificadas.

Palavras-Chave: Literatura de Tianava Silva. Feminismos. Distopia. Recôncavo baiano. Crítica cultural.

INTRODUÇÃO

O presente artigo abordará uma pesquisa que se encontra em curso, cuja proposta tem como ponto de partida identificar as vozes femininas apresentadas nas obras de *Tianalva Silva*, nome dado a escritora Marinalva Silva Santos pelos alunos do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo Baiano no *Campus* de Cachoeira e o seu olhar em corpos distópicos femininos representados nas suas narrativas. A referida autora traz em sua escrita à ancestralidade das mulheres de sua família, com as quais permitem os diversos olhares em diferentes contextos de suas obras.

O cenário presente nos contos da referida autora presentes nas obras *Entre o rio e a praça* (2018) e *Migrantes* (2019) é a cidade histórica de Cachoeira, localidade rica em cores, cheiros, sabores e culturas que enriquecem as tramas tecidas pela escritora. Mas, também, apresenta uma sociedade patriarcal com resquícios do coronelismo que subjulga, humilia e exclui corpos considerados subalternizados.

Em suas narrativas, que a priori são consideradas marginais por apresentar a voz da periferia, a autora passeia entre a realidade e ficção, suas histórias possuem um caráter memorialístico e autobiográfico, ressignificando memórias do passado e os desafios enfrentados pela população cachoeirana na luta pela sobrevivência. Os personagens são pessoas comuns, as quais estão

às margens sociais e silenciadas por uma sociedade patriarcal, a exemplo de: donas de casa, empregadas domésticas, putas, lésbicas.

No entanto, as histórias de *Tianalva Silva* que espessa a voz da periferia, ecoa para além das margens, deslocando-se desse lugar, ocupando outros centros de poder, como universidades, feiras literárias, ambientes digitais, sendo considerada como uma literatura centro emergente³, onde a voz dos subalternizados é ouvida e propagada para além da periferia.

As narrativas partem de uma perspectiva de um olhar feminino sobre essas pessoas e como cada uma convive/ conflita com as restrições da vida, o desejo de liberdade, e também as marcas sociais que são registradas nos corpos e nos gestos de suas personagens.

Pensando nas distopias como uma forte expressão da sociedade do presente, a importância do olhar feminino sobre essas mulheres que se encontram às margens sociais permite destacar com maior sensibilidade e riquezas de detalhes sobre quem são essas desvalidas, como se comportam, qual o seu papel e o que elas anseiam.

A referida proposta de pesquisa propõe um estudo sobre os personagens do século XX, mas em uma temática atemporal, uma vez que entender o que leva ao silenciamento desses seres distópicos por meio de um olhar feminino é mister para discussão sobre as causas desse apagamento que existem até então. E também, por meio da literatura, buscar-se-á entender as relações sociais e humanas para a partir de então, pensar em soluções e como reagir às forças dominantes que originam as mazelas sociais

³ Termo criado pela pesquisadora Giuliana Conceição Almeida e Silva doutoranda em Crítica cultural — UNEB *Campus II*.

por meio do estudo de narrativas, as quais perpassam pela realidade e ficção.

Nesse sentido, pretende-se aprofundar nas questões colocadas até aqui, analisando a trajetória estrutural da narrativa presente nas obras de *Silva*, de modo a entender a correlação entre as estruturas narrativas da distopia sobre o olhar feminino, e também a importância do território do Recôncavo Baiano enquanto ambiente integralizador das antiopias.

FEMINISMO E LITERATURA DE AUTORIA FEMININA

“As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também pode reparar essa dignidade despedaçada” (ADICHE, 2019, p. 32). Diante desse conceito apresentado por Chimamanda, pode-se afirmar que as histórias de vida se deslocam no tempo, pessoas e nelas mesmas e constituindo no que podemos chamar de individualidade, formando o arcabolo imaterial do ser humano.

Pesando nessa narrativa, que destroi a dignidade das pessoas, em especial, as mulheres, observa-se um conteúdo misógeno e machista sendo injetado constantemente no espaço social, gerando assim, um entrave ao empoderamento feminino, inclusive na produção literária, onde a mulher, com muita peleja e instância tem galgado, ainda que tardiamente, esse lugar que também é seu por direito.

A maneira como as narrativas femininas chegam até nós, mulheres por meio das obras de *Marinalva* nos atravessam e fazem com que tomemos parte dessas histórias, principalmente por meio da escrita literária onde há uma concretização desses contos

em nossa persona e em nossa existência, fomentando uma sensação do que nos compoe, nos molda e daquilo de que foi feito, quem nos antecedeu e que de alguma forma ainda sobrevive em nós, nas nossas multiplas narrativas.

Haja vista, Segundo Hooks (2019):

Como a maioria dos homens, a maioria das mulheres é ensinada desde a infância a crer que dominar e controlar outras pessoas é a expressão básica de poder. Mesmo que ainda não estejam combatendo e matando em guerras militares, que não tenham a mesma importância que os homens na definição de políticas de governo, as mulheres, junto com a maioria dos homens, acreditam na teoria dominante da cultura (HOOKS, 2019, p. 134).

Essa chaga da “narrativa única” (ADICHE, 2019) que oprime, formam opressores e oprimidos cria um abismo social que dificulta o acesso de espaços de poder para as mulheres, inclusive no ambiente escrita literária.

No entanto, a luta de muitas mulheres para abrir as portas e alcançar os espaços de poder dominados por corpos masculinos, soa em nós como um ninho que acolhe, protege, mas também, ensina a voar. Ampliando a compreensão do que nossas ancestrais pretendiam e conquistaram, deixando um legado para a nossa literatura de autoria feminina, onde se arrancou os escritos para sempre das gavetas, folhas soltas e dos diários lacrados por cadeados e apresentou suas obras literárias ao mundo, a exemplo de *Tianalva Silva*.

Para Regina Dalcastagnè (2007), aí residem os motivos da persistência do embate entre a mulher e a sociedade sobre o controle desse corpo:

O corpo feminino é um território em permanente disputa. Sobre ele se inscrevem múltiplos discursos — vindos dos universos médico, legal, psicológico, biológico, artístico etc.

— que não apenas dizem desse corpo, mas que também o constituem, uma vez que normatizam padrões, sexualidade, reprodução, higiene. A questão é que esses lugares legítimos de enunciação ainda são ocupados predominantemente por homens, instalados, é claro, em sua própria perspectiva social. A dificuldade surge porque, mesmo que sejam sensíveis aos problemas femininos e solidários (e nem sempre o são), os homens nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, verão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente. E, como —o olhar não dobra a esquina||, alguma coisa sempre se perde. Isso não é diferente na literatura (DELCASTAGNÈ, 2007).

Assim, a importância do estudo e análise de como se apresentam os copos femininos nesse estudo à luz da literatura, considera-se, um ato político e libertador, uma vez que o autoritarismo da narrativa dominante e do patriarcado presentes nas obras em estudo supracitadas, buscou controlar esses corpos e mentes para cumprir seus fins de dominação, deixando marcas tatuadas, que ainda, na atualidade, muitas de nós mulheres carregamos vítimas do cumprimento ou negação das determinações opressoras.

A DISTOPIA COMO DIALÓGO DE OPRESSÃO PATRIARCAL

Nas narrativas de *Tianalva*, a capacidade de averiguar a realidade e transformar em arte literária é evidente. O que chama atenção é a sensibilidade e o olhar feminino para a construção de narrativas não apenas de outras mulheres, mas também de diversos corpos e nas mais diversas situações de vulnerabilidade social. O poder de observação e a sabedoria da ancestralidade feminina que ela traz na sua voz ao narrar é que dá a riqueza as suas produções literárias.

Os serers apresentados por *Tianalva* são pessoas que, segundo Fromm (2009) “expressam o sentimento de impotência e

desesperança do homem moderno assim como as utopias antigas expressavam o sentimento de autoconfiança e esperança do homem pós medieval” (FROMM, 2009, p. 269).

Ao utilizar a distopia em sua narrativa, a escritora não apresenta apenas uma visão futurista ou ficção, mas possivelmente uma previsão a qual é preciso combater no presente. Ela busca fazer soar o alarme que consiste em avisar que se as forças opressoras que compõem o presente continuarem vencendo, nosso futuro se direcionará a catástrofe e barbárie.

Esses diversos corpos apresentados nas narrativas de *Tianalva* são desterritorizados de si e de seu lugar, vítimas de um poder corrupto, totalitário, que tenta subjugar o outro, mas os personagens sempre buscam o seu lugar e o seu jeito de felicidade. Essa forma de denúncia social de acordo com Cândido (2000, p. 5), nada mais eficaz para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la, a narrativa distópica procura potencializar, num futuro próximo, as forças do presente que estão vencendo.

Nesse processo de crítica a sociedade moderna por meio de um olhar distópico na literatura, a cidade histórica de Cachoerira é o cenário onde os personagens e o meio social se relacionam. O totalitarismo é regido por uma classe social que subjuga o ser, e por meio da dominação cordial impede uma revolta desses seres oprimidos.

Nas narrativas de *Silva* as obras tratam de questões sociais mais específicas, não deixando de serem temas universais, assim como era na distopia clássica, suas obras são importantes para refletir sociedade e auxiliar na construção da sociedade atual.

Diante do exposto, os contos das obras em estudo partem de uma construção consciente, pensando no enredo em que os personagens estão inseridos e como se dará sua personalidade e todo o seu desenvolvimento, o olhar feminino e as vozes que

Tianalva traz em suas histórias são imprevisíveis para uma construção de uma narrativa rica e necessária para a literatura e a sociedade atual.

CONCLUSÃO

Diante o exposto a proposta de pesquisa pautada na literatura “marginal” feminina distópica apresentada aqui, baliza um estudo social sobre a ótica feminina, onde a escritora *Tianalva Silva* descreve os seres distópicos, como são subjulgados e o modo como o silenciamento é imposto.

Por meio dessa trajetória e resultando na produção escrita da tese de doutoramento, espera-se documentar como a cultura do Recôncavo Baiano interferiu na vida dos personagens descritos por *Silva* em um cenário de antiopia, aprofundar os estudos sobre a distopia na literatura marginal de autoria feminina, analisar a literatura feminina partido em narrativas que não fala apenas de si, mas do outro e de questões sociais bem como, psicológicas.

Com o estudo em conclusão, acredita-se que o material produzido com o auxílio dos seguintes campos científicos: literário, sociológico e filosófico servirá como ferramenta para o entendimento desse processo de exclusão e silenciamento dos povos marginalizados do Recôncavo Baiano, que poderá servir como ferramenta para o entendimento da antiopia, refletir sobre a realidade e traçar estratégias para um possível futuro “utópico”.

Espera-se também com esta pesquisa, analisar o olhar e a narrativa de autoria feminina sobre outras pessoas e situação, buscando identificar a sensibilidade e o olhar feminino que é tão peculiar na literatura escrita por mulheres.

Sendo assim, com a presente proposta, almeja-se um resultado que traga contribuições para as diversas áreas do

conhecimento e sirva como ferramenta de entendimento, discussões sobre a distopia por meio do estudo e pesquisa da literatura feminina centro emergente.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma narrativa única*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: BOSI, Alfredo (Org.). *Dialética da colonização*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CHAUÍ, Marilena. Breve consideração sobre a utopia e a distopia. In: *Filosofia e Cultura: Festschrift em homenagem a Scarlett Marton*. São Paulo: Barcarolla, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina. Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea. In: DALCASTAGNÈ, Regina (Org.). *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. Vinhedo: Horizonte, 2008.

DALCASTAGNÈ, Regina. Representações restritas: a mulher no romance brasileiro contemporâneo. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (Org.). *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. A construção do feminino no romance brasileiro contemporâneo. In: *Colloque International La Voix Des Femmes Dans Les Cultures De Langue Portugaise: Penser La Différence*, [2007], Paris. Actes... Paris: Paris-Sorbonne, [2007]. Disponível em: Acesso em outubro de 2014.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, jul.-dez, 2005.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte/Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

FROMM, Erich. *Posfácio (1961)*. In: 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HOOKS, Bell. *Teoria Feminista: da Margem ao Centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

JOBIM, José Luis (Org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Trad. Romulo Monte Alto. Belo horizonte: Editora UFMG, 2002.

ROSSINI, Tayza Cristina Nogueira. *A construção do feminino na literatura: representando a diferença*. *Brasiliana*, v. 3, n. 1, p. 288-312, 2014.

SILVA, Tialva. *Entre o rio e a praça*. Cachoeira, BA: Cartoneiras de Iaiá, 2018.

SILVA, Tialva. *Migrantes*. Cachoeira, BA: Cartoneiras de Iaiá, 2019.